



Fabular através dos vestígios: os Aguadeiros e seu transportar de água na Salvador oitocentista

Fabular a través de los vestigios: los Aguadores y su transporte de agua en la Salvador del siglo XIX.

E4_07 - Fabular Arquiteturas: reescrever a história e reaver futuros

Gabriella Suzart Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil
gsuzart1@gmail.com

Resumo: Antonio, Carolina, David e Felicidade são alguns dos aguadeiros e aguadeiras que se ocupavam de abastecer de água as casas soteropolitanas no século XIX, em uma época em que o abastecimento ainda não era canalizado. Algo que continuou ocorrendo mesmo após a criação da Companhia do Queimado em 1852, uma empresa responsável por fornecer água potável para a cidade através de chafarizes, casas de vendagem e penas d'água, a partir da canalização do rio do Queimado. Em 1997, sendo considerada como a primeira de seu gênero no país no processo de tombamento pelo IPHAN, o Parque onde funcionava a Companhia e a fonte do Queimado se tornaram patrimônios nacionais. Ao passo que os aguadeiros e as aguadeiras que exerceram por pelo menos quatro séculos este importante serviço urbano, não tiveram nenhum tipo de reconhecimento. Nos arquivos coloniais estes homens e mulheres aparecem e desaparecem rapidamente, muitas vezes como sujeitos aos quais estão relegadas acusações, denúncias, prisões e multas. Seus corpos são vistos como perigosos e propagadores de doenças. E a elite, mesmo que dependente, deseja expulsá-los. Por isso, ao buscá-los nos arquivos encontramos apenas os vestígios de suas existências, fazendo-se, portanto, necessário desenvolver um esforço de pesquisa que seja com e contra o arquivo, no intuito de demonstrar a importância política, social e econômica que estas pessoas tiveram. Entendendo que o arquivo é construído a partir de um sistema de discriminação e escolhas, o uso de outras abordagens metodológicas possibilitam enfrentar os limites impostos pelo mesmo e desvelar narrativas, a exemplo da fabulação crítica, método proposto por Saidiya Hartman. A fabulação crítica aqui vai ser então usada como forma de desenvolver narrativas, pensar nos possíveis caminhos percorridos e como um meio de olhar a cidade por outra perspectiva, através dos aguadeiros e o seu transportar de água.

Palavras-chave: Aguadeiros; século XIX; arquivos; abastecimento de água; fabulação crítica.

Resumen: Antonio, Carolina, David y Felicidade son algunos de los aguadores y aguadoras que se ocupaban de abastecer de agua las casas soteropolitanas en el siglo XIX, en una época en que el suministro aún no era por cañerías. Algo que continuó ocurriendo incluso después de la creación de la Companhia do Queimado en 1852, una empresa responsable de suministrar agua potable a la ciudad a través de fuentes públicas, casas de venta y “penas d’água”, a partir de la canalización del río do Queimado. En 1997, siendo considerada la primera de su tipo en el país en el proceso de catalogación como patrimonio por el IPHAN, el parque donde funcionaba la Companhia y la fuente do Queimado se convirtieron en patrimonio nacional. Mientras que los aguadores y aguadoras que ejercieron durante al menos cuatro siglos este importante servicio urbano, no recibieron ningún tipo de reconocimiento. En los archivos coloniales, estos hombres y mujeres aparecen y desaparecen rápidamente, a menudo como sujetos a los que se relegan acusaciones, denuncias, arrestos y multas. Sus cuerpos son vistos como peligrosos y propagadores de enfermedades. Y la élite, aunque dependiente, desea expulsarlos. Por eso, al buscarlos en los archivos encontramos apenas los vestigios de sus existencias, haciendo necesario, por tanto, desarrollar un esfuerzo de investigación que sea con y contra el archivo, con el fin de demostrar la importancia política, social y económica que estas personas tuvieron. Entendiendo que el archivo se construye a partir de un sistema de discriminación y elecciones, el uso de otros enfoques metodológicos posibilita enfrentar los límites impuestos por el mismo y develar narrativas, como por ejemplo la fabulación crítica, método propuesto por Saidiya Hartman. La fabulación crítica aquí será usada entonces como forma de desarrollar narrativas, pensar en los posibles caminos recorridos y como un medio de mirar la ciudad desde otra perspectiva, a través de los aguadores y su transporte de agua.

Palabras-clave: Aguadores; siglo XIX; archivos; abastecimiento de agua; fabulación crítica.

Introdução

Um fator imprescindível para a fixação dos agrupamentos humanos é a proximidade com corpos d'água para consumo e uso nas atividades diárias. Não à toa, uma das recomendações dada a Tomé de Souza pelo El Rei, à época da implantação da cidade do Salvador, era de que fosse escolhido um sítio que tivesse “abastança de água” (El Rei *apud* Azevedo, 1949, p.336). E assim foi feito. O promontório escolhido - que mais tarde irá caracterizar a paisagem pela divisão entre cidade alta e baixa - era margeado de um lado por um extenso ribeiro e do outro, limitado por uma encosta, repleta de olhos-d'água (Azevedo, 1949). Segundo Mattoso (1992), a extrema porosidade do solo cristalino da cidade alta, formou um enorme reservatório subterrâneo, que possibilitou ter água por toda parte, bastava cavar para ter um poço ou, a partir de um afloramento, para ver brotar uma nascente. Na superfície, corpos d'água se formaram nos estreitos vales. Dessa forma, a ecologia natural da “cidade das mil fontes” (Mattoso, 1992, p. 47) favoreceu a fixação dos colonos, que ali encontraram também boas terras para hortas e pomares.

Para uma cidade em formação, o recurso hídrico parecia não ser um problema, uma vez que as águas do Ribeiro serviam para o uso doméstico e para a construção em taipa de casas, muros e baluartes, enquanto as fontes proviam boas águas para o consumo. O Ribeiro, à época da fundação da cidade, era um curso de água límpida que limitava a cidade de Salvador a leste e tinha suas nascentes localizadas no que, mais tarde, ficaria conhecido como as Hortas de São Bento. Com a instalação do matadouro público em suas margens, vai ser utilizado como meio de descarte para as vísceras e carcaças do gado abatido, por conta disso, recebeu a alcunha de Rio das Tripas (Dorea, 2006; Paz, 2018).

Segundo o Livro das Águas (2002), material elaborado pela Empresa Baiana de Águas e Saneamento S.A. (Embasa), a primeira fonte com registro histórico em Salvador é a Fonte de Nossa Senhora das Graças, que estando localizada fora dos limites da cidade, nas terras de Diogo Álvares Correia, não abastecia a cidade. Porém, ao longo do século XVI, foram descobertas outras fontes, como a Fonte do Pereira - desaparecida no século XX, que estava situada na Ladeira da Misericórdia - e a Fonte dos Padres - localizada na Ladeira do Taboão -. No início do século XVII, a fonte das Pedreiras foi descoberta na rua da Preguiça. Consuelo Sampaio (2005) informa que esses números foram multiplicados ao longo dos séculos. Com base no documento elaborado em 1848 pelo tenente-coronel João Blöem, do Imperial Corpo de Bombeiros, ela identifica que havia 27 fontes públicas em Salvador, doze delas localizadas na cidade baixa e quinze na cidade alta.

Assim sendo, a sede da província da Bahia chega ao século XIX com um abastecimento de água pautado nas fontes públicas que, naquele momento, já havia se tornado mais numerosas, mas não atendiam a crescente demanda da população. Segundo Vilhena (1969), a população convivia com uma verdadeira “míngua d'água”, já que não havia fontes dentro da cidade que fossem de boa qualidade para beber, nem abundavam aquelas que pudessem ser usadas para gasto. Nas épocas sem chuva a situação piorava: as fontes públicas secavam, restando a alternativa da compra de água na mão de particulares que tinham fontes em suas propriedades. As fontes, vale lembrar, eram afloramentos naturais que estavam localizados em pontos específicos da cidade, dessa forma, havia a necessidade de se deslocar até as mesmas para ter acesso a água, uma vez que a canalização ainda não era uma realidade. No entanto, não eram todas as pessoas que se deslocavam para as fontes a fim de abastecer suas casas, na verdade, a prática escravista vigente nessa sociedade tornava vexatória a ação de carregar o mais ínfimo dos pacotes, portanto, era

necessário ter alguém para carregar a água e quem fazia isso eram os escravizados ou libertos que ficaram conhecidos como aguadeiros e aguadeiras.

Segundo o dicionário do Dr. Frei Domingo Vieira (1871, p.242), o aguadeiro é “o que acarreta barris de água, o que vende canecos de água pela rua; o que abastece uma casa com cargas de água. [...] Também há a forma feminina Aguadeira”. Essa definição vai expressar aquilo que se entende sobre esta ocupação, afinal, em linhas gerais, era isso que os aguadeiros e aguadeiras faziam em Salvador e em outras cidades oitocentistas. Contudo, essa definição não revela a importância que estes homens e mulheres tinham, algo que ocorre pelo próprio serviço executado, símbolo até mesmo de status para os homens livres, que diziam poder perceber a pobreza de um homem, caso ele não tivesse alguém para lhe buscar um balde d’água (Silva, 1988). Mas apesar dessa relevância, os aguadeiros e aguadeiras ocupavam o mais baixo status social, por realizarem uma das atividades considerada como penosa e degradante.

Essa posição se complexifica ainda mais por essas pessoas serem, em sua maioria, africanos e africanas, uma vez que os acontecimentos decorrentes após o Levante dos Malês (1835) trouxeram uma série de consequências para essa população que passou a ser alvo de uma política africanofóbica (Reis, 2019), que visava desafrikanizar a cidade de Salvador, expulsando-os para os engenhos ou até mesmo para fora do país. Dessa forma, entende-se que a criação da Companhia do Queimado está inserida nessa política, por ser essa uma empresa contratada para canalizar as águas do rio Queimado, a fim de instalar, além dos chafarizes e casas de vender água, as penas d’água - uma fenda que permitia a passagem de um volume fixo de água, entre 1.200 e 1.500 litros diários, para o consumo domiciliar (Benchimol, 1992) -, a qual era a principal aposta para eliminar o serviço prestado pelos aguadeiros e aguadeiras.

O baixo status social contribuía também para entendimento dessa ocupação como não qualificada, entretanto, visto do lugar confortável de quem só precisava esperar que a água chegasse, um fluxo de conhecimento necessário nesse transporte torna-se alheio. Em seu estudo sobre os carregadores de água de Paris no século XVIII, a pesquisadora Constance Font-Réaulx (2023) revela que havia uma presunção de que os carregadores de água se equipavam com os objetos encontrados em casa, assim entendia-se que era fácil ter acesso a um balde, uma vez que este servia para qualquer trabalho braçal sem a necessária qualificação. Esse trabalho vai ser entendido então como ideal para pessoas marginalizadas, que não encontraram ou não conseguiam encontrar seu lugar na sociedade, no entanto, Font-Réaulx (2023) vai demonstrar que toda uma organização espacial e social era necessária para entrar nesse ramo, ao dizer ser provável que muitos destes carregadores tenham assumido esta ocupação por habitar próximo às fontes ou que tenham se estabelecido nesses locais com esta intenção, fato é que os nomes das fontes passou a fazer parte da identidade profissional dessas pessoas, que ao mesmo tempo delineavam e demarcavam seus espaços de atuação, em que vida e conflitos se desdobravam. Ainda segundo Font-Réaulx (2023), não era tão simples como se imaginava obter os equipamentos para coleta d’água, os carregadores recorriam às relações de vizinhança, brechós e até mesmo a rede familiar para consegui-los. Contudo, não era só para conseguir o equipamento que os carregadores de água precisavam ter boas relações, isso valia também para o momento da conquista e da manutenção dos clientes, afinal os lucros dependiam de vendas regulares.

Guardadas as devidas proporções, devido a forma como as sociedades, no Brasil e em Paris, se estruturavam nesse período, é possível conjecturar, a partir dos carregadores de água parisienses, que os aguadeiros brasileiros também possuíam uma série de conhecimentos e práticas que

alicerçavam sua ocupação. Portanto, acredita-se que era muito importante para um aguadeiro ou uma aguadeira ser bem informado quanto às fontes e em qual delas se podia buscar água de beber - aquela com água potável, apta à ingestão - ou água de gasto, usada para os afazeres domésticos. Conhecer bem as fontes, supunha também conhecer bem as freguesias pelas quais circulavam, caminhos possíveis para se chegar ao destino, distâncias que podiam ser calculadas para valorar o preço da carga, e quem sabe, atalhos para não se demorar muito tempo com o barril pesado na cabeça.

Apesar de cruciais para entender os pormenores desta ocupação, essas informações não são facilmente encontradas nos arquivos, aparecendo mais como vestígios e sendo necessário estabelecer um esforço de pesquisa com e contra o arquivo, a fim de que seja possível revelar nomes, histórias, possíveis caminhos percorridos, formas de se vestir e de agir através dos documentos encontrados. Para tanto, utiliza-se a fabulação crítica como gesto de pesquisa, método proposto pela pesquisadora norte-americana, Saidiya Hartman, como um modo de se opor aos limites impostos pelo arquivo, realizando um exercício de fabular narrativas a partir dos vestígios da existência negra. Assim, a fabulação crítica é aqui utilizada para pensar sobre a existência dos aguadeiros e aguadeiras, a partir dos anúncios de fuga. Em paralelo, foi realizado também o exercício de analisar a iconografia oitocentista, como uma forma de interligar e ampliar as informações encontradas nos anúncios de fuga.

Os aguadeiros e aguadeiras na iconografia oitocentista

Em suas passagens pela Bahia, os viajantes registraram cenas do cotidiano, paisagens e a presença marcante das pessoas negras nas ruas, conformando assim um vasto material iconográfico de Salvador no século XIX. Dentre esses registros encontram-se ilustrações, pinturas e desenhos que retratam aguadeiros e aguadeiras, nas quais podemos observar suas vestimentas e os utensílios utilizados no labor.

Percebendo como característica marcante “os potes d’água que os negros levam sobre a cabeça”, o norte-americano Daniel Kidder (1940, p.58) resolveu por registrar em seu diário de viagem os diferentes estilos de vasilhas que avistou em sua passagem pelo Brasil, na primeira metade do século XIX, quando esteve no Rio de Janeiro, na Bahia, em São Paulo e em Maceió (figura 1)



Figura 1: Ilustração dos diferentes tipos de jarros. Fonte: Daniel P. Kidder (1940-1943, p.58) | Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – PRCEU/USP.

A ilustração do pote da Bahia apresentada por Kidder, lembra em certa medida, aquele presente no desenho ‘Water carrier’ (carregadora de água) atribuído à inglesa Maria Graham, que esteve no Brasil entre 1821 e 1823, no qual uma mulher negra é retratada de perfil, levando na cabeça um grande pote de água (figura 2):



Figura 2: Water carrier: Bahia, [s.d.]. Fonte: Obra anônima atribuída à Lady Maria Callcott / Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

A partir dos recortes de ambas as imagens (figura 3) percebe-se que, apesar de não serem idênticos, os formatos dos potes possuem semelhança pela estrutura que apresentam: uma base menor, talvez para favorecer o apoio na cabeça, e um corpo que se torna largo na medida em que se aproxima da boca do pote; em ambos a boca parece ter uma pequena largura, talvez para evitar que a água seja derramada quando a carregadora estiver em movimento; o pote ainda ganha uma tampa, no desenho atribuído à Maria Callcott, possivelmente para evitar que ciscos ou sujeiras caiam na água, aparecendo também ornado com grafismos em linhas vermelhas.



Figura 3 - recortes das figuras 1 e 2. Fonte: Obra anônima atribuída à Lady Maria Callcott / Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil; Kidder (1940-1943, p.58) | Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – PRCEU/USP.

Os barris para carregar água também foram registrados na iconografia do século XIX. Quando esteve no Brasil entre 1837 e 1841, o oficial da Marinha francesa, Jules Marie Vincent de Sinety, pintou em suas aquarelas paisagens do Rio de Janeiro e Bahia. Na Bahia, além das paisagens, retratou igualmente os habitantes, registrando o trabalho dos pescadores, do vendedor de manteiga e do vendedor de água. Em ‘Aguatero’ (1838), Sinety retrata em primeiro plano um aguadeiro montado em um burrinho, que também transporta dois barris de água, presos por um suporte de madeira na frente do homem (figura 4).



Figura 4: Aguadeiro, 1838. Fonte: Acervo da Pinacoteca de São Paulo. Coleção Brasileira/ Fundação Estudar. Doação da Fundação Estudar, 2007

Na aquarela, ainda é possível perceber um aspecto interessante: a vestimenta do aguadeiro. Trajando uma calça azul, camisa de manga longa vermelha, avental mostarda e um chapéu de palha, é representado com os pés descalços, mostrando que este homem provavelmente era escravizado¹. Ao fundo, um barril esconde o rosto de outro aguadeiro, que vestindo as mesmas roupas que o primeiro, é visto a caminho de colocar mais um barril no lombo do seu animal. Em 1914, o jornal ‘A Notícia’ também trouxe detalhes sobre a vestimenta do aguadeiro, a qual era composta por calça, camisa, chapéu de palha da costa, avental e alpercatas², sem informações sobre a cor. Mas em uma das fotografias presentes na matéria, a qual retrata “o conhecido aguadeiro Mané Fonseca”³ (figura 5), vemos que o mesmo utiliza calça e camisa brancas, chapéu da palha e posa com um barril no ombro direito, mas a qualidade da imagem não permite observar se o mesmo utiliza alpercatas.



Figura 5: O conhecido aguadeiro Mané Fonseca, 1914. Fonte: Recorte do jornal A Notícia / Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Em relação à vestimenta das aguadeiras, elas basicamente usavam saia e camisa, com tipos de tecidos variados: as saias podiam ser de zuarte, chita, riscado ou zangá, com algumas variações de cor (escura, preta ou azul) e detalhes; as camisas eram de algodão ou riscado, como pode ser observado no desenho atribuído à Lady Maria Callcott. Além disso, a iconografia encontrada sobre as aguadeiras permite traçar conexões com os costumes presentes em outras cidades do Brasil, encontrando similaridades na forma de vestir. Entre as gravuras produzidas por Briggs sobre as cenas de rua carioca, encontra-se a gravura ‘Water-carriers [pretos d’água]’, na qual vê-se uma aguadeira e um aguadeiro representados (figura 6). A vestimenta da aguadeira de Briggs,

¹ Segundo Ana de Costa (1989), usar sapatos era símbolo de liberdade, por isso os escravizados andavam sempre descalços.

² Com a abolição da escravidão ao final do século XIX, a diferenciação entre escravizados e libertos por meio do uso do calçado não irá mais existir no século XX, período de publicação do referido jornal.

³ Mesmo apresentando Mané Fonseca como um conhecido aguadeiro, o jornal não dá mais detalhes sobre ele.

lembra em certa medida a aguadeira de Callcott, pelo uso da saia azul e camisa branca de listras vermelhas, diferenciando o pano envolto na cintura.

É interessante também perceber os instrumentos para transporte da água presentes na gravura de Briggs: enquanto o homem transporta um pote, a mulher transporta um barril, posicionado horizontalmente na cabeça. Haveria um motivo específico para posicioná-lo desta maneira, como, por exemplo, ser uma forma de balancear o peso do barril? Ou poderia ser um modo de carregá-lo quando estava vazio? Parece não ser apenas uma questão de escolha de representação do artista, haja vista que, em 1870, o fotógrafo João Goston faria um registro, no estúdio em Salvador, de uma mulher negra segurando o barril de igual forma (figura 6).

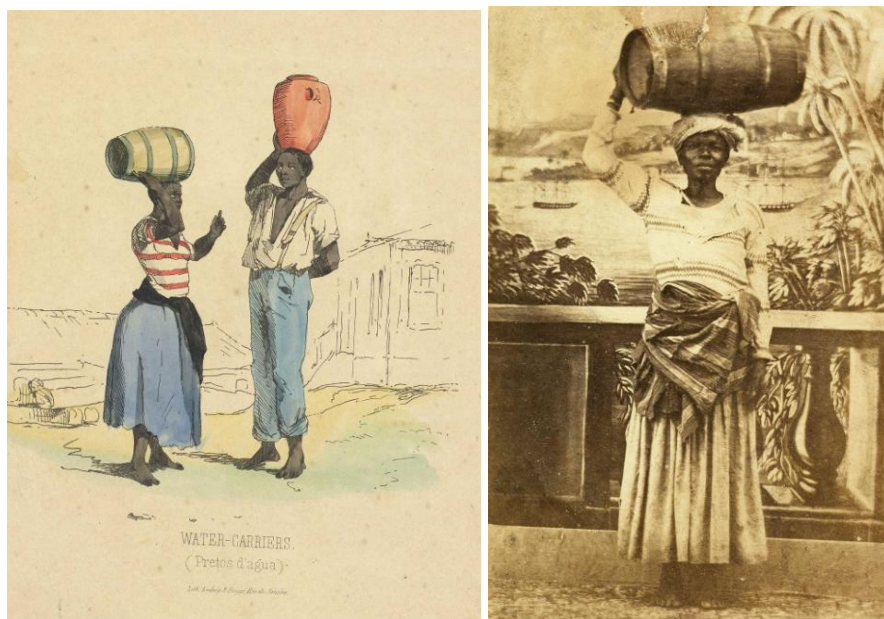


Figura 6: Water-carriers [pretos d'água], 1845; Negra posando em estúdio, 1870. Fonte: Guilherme Frederico Briggs/Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil; João Goston/Acervo Instituto Moreira Salles

Já na gravura de Cabral Teive, intitulada 'preta vendendo agôa', o barril vai aparecer na vertical sobre a cabeça da aguadeira representada (figura 7). Além disso, podemos observar a vestimenta da mesma, que utiliza saia azul e uma camisa branca aparentemente desgastada, mostrando partes do seu corpo.



Figura 7: Nº 30 Preta vendendo agôa, 1841. Fonte: Atribuído a Joaquim Lopes de Barros Cabral Teive/Acervo Instituto Moreira Salles

A partir dessa iconografia, encontram-se dois instrumentos usados para transportar a água: o barril e o pote, que, como visto, podem ser carregados de diferentes formas. A existência da diferença entre os modos de transportar o utensílio, leva a deduzir que se pode classificar os aguadeiros de duas maneiras diferentes: aqueles que transportavam a água na cabeça e aqueles que o faziam com o auxílio do animal, o que vai ocasionar também em maior ou menor quantidade de água, haja vista que, enquanto os aguadeiros do primeiro grupo conseguiam carregar apenas a quantidade limitada pelo instrumento usado, seja um pote ou um barril, os do segundo grupo podiam transportar maiores quantidades⁴ por conta do animal. Se os meios para carregar a água os dividiam em dois grupos, o gênero também parece influenciar no tipo de utensílio utilizado. Quando se refere às mulheres no transporte de água, Consuelo Sampaio (2005) vai informar que as mesmas “usavam grandes potes de barro e latas, transportados na cabeça”, essa descrição vai ser corroborada pela iconografia, uma vez que nenhuma imagem de mulheres com animais no transporte da água foi localizada, diferente dos homens, que vão ser frequentemente retratados próximo ou montado nos equinos.

“Iê! Água!”⁵ O circuito da água oitocentista nas ruas de Salvador

Seja nos barris ou potes de cerâmica, sobre a cabeça ou no lombo do animal, os aguadeiros e aguadeiras faziam a água circular entre ruas, ladeiras e cantos da Salvador oitocentista, num circuito em que a água brotando do solo alcançava o interior das casas através desses homens e mulheres, que davam corpo a um serviço urbano indispensável: o abastecimento de água.

⁴ O Livro das águas da EMBASA (2002), informa que eram barris de até 80 litros; o jornal A Notícia, de 30 de outubro de 1914, informa que eram quatro barris.

⁵ De acordo com o jornal A Notícia de 30 de outubro de 1914, as pessoas que queriam comprar água, chamavam da janela de suas casas: “Oh! d’água, venha cá!”, ao passo que os aguadeiros respondiam de forma cantarolada “Iê! Água!”, no ritmo da “música castanholada de ferraduras na calçada”.

Pensar o circuito da água no século XIX, é pensar nos caminhos feitos pelos aguadeiros e as aguadeiras em sua ação de deslocamento pelas ruas, na interseção entre as fontes e as casas. Mas como encontrar caminhos perdidos entre os arquivos? Como reconstituir percursos provavelmente não registrados? Quando a falta de registro passa a ser um dado, outros meios precisam ser encontrados. Aqui os vestígios encontrados nos anúncios de fuga ajudaram a fabular os possíveis caminhos percorridos pelos aguadeiros e aguadeiras, partindo de certas informações, como o nome de ruas e fontes. A ideia é considerar que os endereços informados pelos senhores para dar notícias sobre os escravizados em fuga, sejam o mesmo local de suas partidas. Assim considerado, a freguesia em que as casas dos senhores se encontram, é também a freguesia a qual é frequentada por um aguadeiro ou aguadeira. Dessa forma, é possível fabular e construir uma cartografia em processo que registre os possíveis percursos, utilizando, por exemplo, o destino do aguadeiro anunciado pelo senhor, informações sobre a freguesia e a localização das fontes.

No século XIX, Salvador era dividida por freguesias. A freguesia, de acordo com Nascimento (2007), era a “divisão administrativa e religiosa da cidade, onde estavam localizados os habitantes, ligados à sua igreja matriz”. Com características distintas, a cidade contava com dez freguesias urbanas: Sé, São Pedro, Santana, Santo Antônio, Passo, Vitória, Brotas, Conceição da Praia, Pilar e Penha. Assim se manteve até 1870, quando foi criada a décima primeira freguesia, a dos Mares, desmembrada de Nossa Senhora da Penha.

Na cidade alta, a freguesia da Sé se caracterizava por ser “o coração da cidade” (Costa, 1989, p.107), existente desde o núcleo primitivo, era o centro administrativo, legislativo, judiciário e religioso de Salvador, e onde as famílias mais abastadas escolheram instalar suas residências. No entanto, o cenário social da Sé foi transformado em meados do século XIX, quando famílias das camadas medianas e pobres passaram a habitar os grandes sobrados dividindo-os em múltiplos fogos⁶. Assim, é possível encontrar na Sé, pessoas de diversas camadas sociais habitando lado a lado, desde desembargadores a libertos que viviam do ganho.

Neste modelo habitacional, vivia José Maria Cândido Ribeiro no 1º andar da casa do Desembargador Joaquim Anselmo, localizada na rua direita do Colégio, de onde teria partido, em 1845, a escravizada Maria, levando consigo um barril de carregar água⁷. Poucos metros dali, saberia Maria, estava a fonte do Pereira ao pé da Ladeira da Misericórdia, que lhe permitia acesso à parte da baixa da cidade, talvez tenha sido por ali que ela resolveu escapar, vendo que poderia se misturar ao grande fluxo de pessoas que, como ela, iam e vinham carregando um sortimento de mercadorias. Localizada no alto do promontório que dividia a cidade em alta e baixa, não parecia haver na Sé muitas fontes públicas dentro do seu perímetro, as fontes mais próximas se localizavam no sopé da montanha - a fonte do Pereira e a fonte do Taboão ou dos Padres - e no vale - a fonte do Gravatá.

“Em occasiao de ir carregar agoa”⁸, Melania partiu da rua do Tijolo. É certo que da rua do Tijolo poderia seguir para outra freguesia facilmente, bastava escolher o caminho, se foi guiada pela localização de algumas das fontes do entorno, poderia ela ter escolhido a fonte do Gravatá?

⁶ De acordo com Ana da Costa (1989), ‘fogo’ era como ficou denominado cada unidade habitacional que havia sido criada pela subdivisão dos andares dos grandes sobrados, neles podiam habitar famílias que não tinham nenhuma ligação direta entre si. Costa (1989) ainda vai destacar que muitas dessas famílias eram possuidoras de escravizados.

⁷ O Mercantil, 04 de junho de 1845, p.4.

⁸ O Mercantil, 31 de maio de 1845, p.4.

Bastaria apenas descer a rua sentido largo do Guadalupe e dali ela poderia seguir para seu destino. No caminho, teria como encher seu barril, ainda que a fonte do Gravatá, segundo Vilhena (1969) fosse “a mais imunda, e pior de todas”, apesar disso, a população continuava utilizando a fonte. Da freguesia da Sé, partiram também Felicidade, em 1847, da rua direita da Misericórdia, e Lucrecia, em 1851, aparentemente de uma loja de cera que ficava defronte a Igreja da Misericórdia, ambas levando consigo um barril. Estando as duas tão próximas da ladeira da Misericórdia, é fácil imaginar que este seria um caminho óbvio para iniciar a fuga, mas teria sido isso mesmo? A ladeira era uma opção, mas havia outras possibilidades, uma delas era seguir pela rua direita até alcançar a freguesia de São Pedro Velho.

Surgida a partir da expansão extramuros da cidade pelo lado sul, a freguesia de São Pedro Velho abrigava importantes edifícios religiosos como o Mosteiro de São Bento e o Convento da Piedade de Capuchinhos italianos. Considerada uma freguesia central, era também habitada por pessoas de camadas sociais distintas, como profissionais liberais, empregados públicos, desembargadores e senhores de engenho, que ali possuíam residências provisórias para os períodos de temporada na cidade. Um dos habitantes de São Pedro era o Desembargador Francisco Maria de Freitas e Albuquerque que residia no sobrado⁹ n.3, no princípio da ladeira de São Bento¹⁰.

Foi deste sobrado que David partiu, em 1847, quando foi buscar água de gasto, a poucos metros dali, na Ladeira das Hortas. A Ladeira estava localizada nas imediações do Mosteiro de São Bento, onde os Beneditinos do Convento administravam as hortas que abasteciam de frutas e legumes boa parte da população. Estrategicamente posicionada, era nas hortas que se encontravam as nascentes do Ribeiro, seria então este o ponto para buscar água de gasto? À época da implantação da cidade, o Ribeiro era utilizado para uso doméstico, ao alcançar o século XIX, o mesmo já havia se transformado no Rio dos Tripas, tendo suas águas não mais a qualidade de outrora, mas ainda poderia seguir sendo utilizada pela população. Há também a possibilidade que David coletasse a água de gasto em algum outro ponto da Ladeira das Hortas ainda não identificado. Sabe-se que próximo dali, entre a rua dos Capitães e a Barroquinha, teria existido o beco da água de gasto, que era acessível apenas por uma pequena porta que dava acesso a uma ladeira em degraus (Dorea, 2006), no entanto, a distância entre os lugares não permite inferir que seria para lá que David teria ido.

Além disso, esse não teria sido seu destino final, haja vista que David resolveu escapar logo após encher o barril¹¹. Talvez num instante de coragem ele tenha decidido desviar o caminho, ao invés de retornar de onde havia saído. Uma opção era seguir em direção a praça da Piedade, de onde poderia seguir em dois sentidos: se escolhesse ir pela Rua da Lapa, chegaria à freguesia de Santana, se fosse pela rua do Rosário de João Pereira, pararia na freguesia da Vitória. Para onde quer que tenha ido, se misturar com outras pessoas pode tê-lo ajudado a desaparecer.

A praça da Piedade era considerada o centro de São Pedro Velho, e onde imponentemente se localizava a Igreja de Nossa Senhora da Piedade e Convento dos Capuchinhos italianos. Por detrás deste edifício, ficava a fonte do Coqueiro, “cuja água também se bebe, apesar da sua medíocre qualidade” (Vilhena, 1969, p.103), mas esta não era única fonte pública da freguesia, havia

⁹ Os sobrados, de acordo com Costa (1989), podiam possuir dois, três ou quatro pavimentos e faziam parte do conjunto imobiliário do bairro que era composto por este tipo de edificação e por casas térreas.

¹⁰ Correio Mercantil, 04 de maio de 1847, p.4.

¹¹ Correio Mercantil, 04 de maio de 1847, p.4.

também uma fonte detrás do convento da Lapa, chamada fonte do Tororó¹², um olho d'água próximo ao Dique, chamado o Barril (Vilhena, 1969) e a fonte dos Aflitos, próxima ao Largo Dois de Julho (Costa, 1989).

Era na fonte do Coqueiro que o jovem Antonio ia, de noite, buscar água com um barril para vender, mesmo que houvesse fugido da casa localizada no Largo da Piedade. Se buscava água naquela fonte, é provável que também continuasse a vendê-la naquele mesmo entorno. A permanência de Antonio próximo ao seu destino de partida mostra que muitos escravizados conseguiam desaparecer debaixo da vista de seus senhores, talvez o horário em que frequentava as ruas o ajudasse nesse sentido, já que as mesmas ainda eram iluminadas por lampiões suspensos, resultando na má iluminação da cidade e no “enclausuramento noturno da sociedade baiana” (Sampaio, 2005, p.122). No entanto, ruas escuras não eram o único empecilho a ser enfrentado por Antonio, que também infringia posturas municipais que visavam controlar as saídas noturnas, reprimindo violentamente aqueles que fossem encontrados à noite sem um passe do senhor, atestando seu destino.

A freguesia de São Pedro Velho ficou conhecida também por abrigar importantes edifícios religiosos, entre eles o Convento da Lapa, localizado na rua homônima. A rua da Lapa era um dos logradouros por onde a freguesia de São Pedro Velho e a freguesia de Santana se dividiam em seus limites, foi desta rua que Joanna Baptista partiu da casa n.42 levando consigo um barril de carregar água. Joanna era africana livre, ou seja, uma das muitas pessoas que foram apreendidas nos navios negreiros após a proibição do tráfico, com a lei de 1831. Os africanos livres ficavam sob responsabilidade de um de juiz de órfãos, que firmava contratos com particulares alugando essas pessoas por valores irrisórios, algo que perdurou até 1850, quando estes africanos e africanas não puderam ser mais alugados por particulares, após a promulgação da Lei Eusébio de Queirós, de modo que passaram a ser alocados nas obras públicas do governo.

Vizinha à São Pedro Velho e à Sé, a freguesia de Santana do Sacramento era conformada pelos seguintes núcleos: Palma, Mouraria, Desterro e Saúde, ocupados desde a época da Invasão Holandesa ocorrida em 1624-1625 (Costa, 1989). Seu limite ia até as margens do Dique, abrangendo assim a fonte das Pedras e a fonte Nova que estavam localizadas “por detrás do convento do Desterro em uma comprida baixa, fica em primeiro lugar a fonte das Pedras; e mais diante, além do Dique a fonte Nova” (Vilhena, 1969, p.103). A comprida baixa a qual se refere Vilhena, seria a Ladeira da Fonte das Pedras, um caminho de acesso à Freguesia de Brotas. Eram fontes públicas para beber, mesmo que tivessem a água descrita como grossa e pesada, sendo, aparentemente, de melhor qualidade que a da fonte do Gravatá, também pertencente à Santana.

Na Saúde, parece ter existido uma fonte que era denominada do Padre Sá. Em 1831, “o Largo da Saúde em frente à roça do Padre Sá” (Soares, 1994, p.56), era uma das áreas urbanas que foram destinadas ao comércio das ganhadeiras. A presença das ganhadeiras revela que neste largo existia um fluxo comercial intenso, uma vez que as mesmas estavam sempre localizadas estrategicamente nessas áreas. Por isso, é bem provável que houvesse sido por ali que a mulher gêge não identificada circulava, lavando roupa e carregando água da fonte do Padre Sá, antes da sua fuga

¹² As pesquisas realizadas apontam que existem duas fontes que estão ligadas ao nome Tororó: a fonte do Vale do Tororó, localizada no vale de mesmo nome, e a fonte do Dique do Tororó, situada na margem oeste do Dique. Acredito que a fonte a qual se refere Vilhena seja a fonte do Vale do Tororó, a qual estaria mais próxima do Convento do Lapa, que é a referência dada pelo autor.

de alguma das casas térreas da Saúde¹³, onde morava o seu senhor. Foi deste núcleo que ela partiu para Itapagipe, provavelmente através da Ladeira da Saúde ou da Ladeira do Alvo alcançando a cidade baixa por meio da Baixa dos Sapateiros e do Taboão, se foi este o princípio do caminho dela, ainda teria que atravessar a parte baixa de Salvador até o seu destino.

Foi da rua do Caquende, ao pé do Largo de Nazareth, que Cassiano partiu, levando consigo um “barril pintado de verde de carregar agoa”¹⁴. Cassiano tinha um leque de caminhos a seguir, já que a freguesia de Santana possuía várias vias de comunicação com a Sé (Costa, 1989), estando também conectada com as outras freguesias do entorno: São Pedro, Passo, Brotas e Santo Antônio.

A freguesia de Santo Antônio Além do Carmo era uma das maiores em extensão, seus limites alcançavam, por um lado, a suburbana freguesia de São Bartolomeu de Pirajá e, por outro, a freguesia de Nossa Senhora de Brotas. Por conta da sua dimensão, era dividida em dois distritos: o primeiro distrito, que fazia divisa com a freguesia do Passo, estava inserido na parte mais urbanizada, com uma maior concentração populacional. Já no segundo distrito havia roças, fazendas e engenhos e uma população dispersa em algumas áreas de concentração: as ruas da Cruz do Cosme, do Pau Miúdo, o Largo do Resgate, a Estrada do Cabula, a Estrada de São Gonçalo, Pernambués, Mata Escura e a Estrada das Boiadas, que eram consideradas como eixos de expansão da cidade oitocentista. Além disso, existiam quilombos e terreiros neste distrito, sobretudo no Cabula.

O primeiro distrito vai se diferenciar pela presença de várias edificações religiosas e de defesa. Ali estavam os fortes de Santo Antônio, ao lado da igreja matriz, e do Barbalho, assim como a Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão, a Igreja e Convento de Nossa Senhora da Soledade e o Recolhimento Bom Jesus dos Perdões. Além das fontes dos Perdões ou Santo Antônio e a do Baluarte, assim como a fonte do Queimado, considerada “de excelente água para beber” (Vilhena, 1969, p.103). Era dessa fonte que muita gente de diferentes partes da cidade mandava buscar água, isto explica por que Roza estava indo para lá quando desapareceu, mesmo que próximo a Quitandinha do Capim, onde ficava a casa de onde partira, estivessem as fontes do Baluarte e do Santo Antônio. É provável que Roza sabia da existência dos quilombos do segundo distrito, poderia o caminho para a fonte, ser o caminho para algum quilombo? Esta é uma possibilidade, uma vez que Benedicto, ao sair da Freguesia do Pilar, para buscar água na fonte do Queimado, também desapareceu.

Desmembrada da freguesia de Santo Antônio Além do Carmo desde 1717, a freguesia de Nossa Senhora do Pilar, situava-se na parte baixa da cidade, em uma faixa de terra estreita entre a escarpa e o mar. Limitava-se com a freguesia de Conceição da Praia nas proximidades da Praça do Comércio, enquanto avançava do outro lado até o Largo de Roma. Essencialmente voltada para o comércio, por conta das atividades do porto, encontrava-se ali grandes armazéns atacadistas e os dois maiores trapiches. Em seu perímetro encontramos edifícios religiosos, como a Igreja dos Órfãos de São Joaquim e a Igreja de Nossa Senhora do Pilar. Na Igreja do Pilar, encontrava-se a fonte de Santa Luzia, que associada aos milagres da Santa passou a ser vista como uma água milagrosa, capaz de curar as enfermidades dos olhos. Havia também naquela freguesia a fonte da

¹³ Segundo Nascimento (2007), “as freguesias de Santo Antônio Além do Carmo e de Santana se destacavam por apresentarem uma grande maioria de casas térreas”.

¹⁴ O Mercantil, 22 de março de 1845, p.4.

Munganga, localizada em frente ao Arsenal de Guerra, e a fonte de Água de Meninos, sobre a qual diziam ser a melhor para a aguada dos navios, mas da qual ninguém em terra bebia, de acordo com Vilhena (1969). Teria existido na freguesia do Pilar também a Fonte do Xixi, localizada num beco muito utilizado por quem precisava satisfazer suas necessidades fisiológicas, próxima dos trapiches que levavam o mesmo nome (Sampaio, 2005). Xixi denominava igualmente a rua, da qual Benedicto desapareceu quando foi em direção ao Queimado, buscando sua liberdade ao invés de água.

Instalada na estreita faixa de terra à beira-mar¹⁵, a Conceição da Praia havia sido a terceira freguesia criada após a Sé e a Vitória. Com a função de sediar o comércio, se desenvolveu em torno do porto com atividades ligadas à importação e exportação. Assim, estavam ali situados os grandes armazéns e as pequenas lojas, como também prédios importantes, a exemplo do Arsenal de Marinha, o Celeiro Público e a Alfândega. No cais, as escadas eram pontos de aglutinação de carregadores, onde atracavam as embarcações com mercadorias a serem transportadas; nas ruas estreitas e irregulares mulheres e homens ofertavam uma série de produtos e serviços. Era por estas ruas que Carolina circulava vendendo água com um barril. Se fosse para buscar água de gasto, é possível que escolheria a Fonte do Taboão ou a Fonte do Pereira, ambas inseridas no trecho entre a Alfândega e a Praça do Comércio, onde possivelmente se encontrava também o armazém de Santos Moreira e Irmão¹⁶, local de onde Carolina havia partido.

Sabe-se que estas eram duas das três fontes existentes nesta freguesia, que atraíam não só aguadeiras e aguadeiros, como também outros ganhadores e ganhadeiras que por ali se estabeleciam ou circulavam, uma vez que essas fontes estavam localizadas no sopé de duas ladeiras que conectavam a cidade alta e baixa: do Taboão e da Misericórdia. Próxima a Ladeira da Misericórdia, estava a Rua dos Ourives. Foi desta rua que Delfina fugiu levando consigo um barril d'água. Estando tão próxima a fonte do Pereira, pode ter sido no caminho de buscar água que ela resolveu partir, afinal da fonte conseguiria acessar facilmente a parte alta da cidade, de onde poderia seguir em vários sentidos, a depender da sua escolha. Mas se pensou que seguir em direção a fonte do Pereira fosse um caminho muito óbvio, poderia ter escolhido seguir para o lado sul da freguesia, no sentido da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Praia, contígua à área da Preguiça e às Pedreiras.

Quando Macia sumiu da rua da Preguiça, n. 44¹⁷, deixou para trás uma dúvida: havia sido ela furtada ou teria fugido? Não havia pistas sobre o seu destino, a informação que se tinha é que ela havia levado consigo um barril pequeno de carregar água. Talvez fosse este um indício de que Macia tenha tomado a decisão de partir por conta própria, se misturando ao intenso movimento da Ladeira da Preguiça, ela teria desaparecido rumo ao destino escolhido.

Por força da própria vontade, partiram Manoel e Elesbão de uma padaria de São Felipe Nery, um logo após outro. O destino para buscar água era a fonte de São Pedro, localizada na freguesia

¹⁵ Ao longo dos anos, a expansão de sua área se deu através dos sucessivos aterros que a fizeram avançar sobre o mar da Baía de Todos os Santos.

¹⁶ Pesquisando por este armazém nos almanaques oitocentistas, obtive duas localizações distintas: na edição de 1855, apareceu um armazém com este mesmo nome localizado no cais de São João; já no ano de 1858, aparece um Santos Moreira & Irmão, localizado no cais do Neves. Pesquisas mais aprofundadas são necessárias para confirmar efetivamente se se trata do mesmo armazém que aparece no anúncio de fuga de Carolina e qual seria a localização exata.

¹⁷ O Mercantil, 19 de junho de 1845, p.4.

da Vitória, parte alta da cidade, para tanto dois burrinhos e um barril d'água foram destinados à atividade, provavelmente para aproveitar a viagem. Mas a água não chegaria, já que o caminho seguido não havia sido para a fonte, mas sim em busca da liberdade. É interessante observar que junto a S. Felipe, encontrava-se a fonte das Pedreiras, a terceira fonte que completava o conjunto das mais antigas da Conceição da Praia e que era utilizada como água de gasto, de acordo com Villhena (1969). Sendo a das Pedreiras uma fonte para gasto, se entende o motivo de se mandar buscar água na fonte de São Pedro, já que esta possuía a água de melhor qualidade.



Figura 8: localização dos aguadeiros, das aguadeiras e das fontes. Fonte: elaborado pela autora com base no Mappa Topographica da Cidade de Salvador e seus suburbios (1851); Ilustração da fonte elaborada pelo artista visual Joadson Meira, 2025.

Considerações finais

Os anúncios de fuga encontrados possibilitaram mapear a presença de aguadeiras e aguadeiros em seis das dez freguesias urbanas de Salvador: Sé, São Pedro Velho, Santana do Sacramento, Santo Antônio, Pilar e Conceição da Praia, desvelando assim indícios de um circuito da água que não era restrito às freguesias, nem ao entorno das fontes às quais senhores e escravizados habitavam. Deslocamentos como o de Benedicto que saiu do Pilar em direção a fonte do Queimado, no segundo distrito de Santo Antônio, ou de Roza que se deslocou para a mesma fonte quando tinha outras duas opções próximas, demonstram que havia uma certa particularidade no consumo da água, que parecia estar condicionado à preferência de quem solicitava o transporte, possivelmente motivado pela qualidade do líquido. É importante ressaltar que a ausência de anúncios referentes às outras quatro freguesias: Passo, Vitória, Penha e Brotas, não as excluem deste circuito da água. Afinal, o abastecimento de água dos aguadeiros e aguadeiras era necessário em todas as partes da cidade em que habitavam pessoas, uma vez que a canalização ainda não era realidade.

Além disso, os anúncios de fuga também demonstram como o momento de buscar água era continuamente utilizado pelos escravizados como estratégia para escapar do cativeiro. Segundo Almeida e Muaze (2024), era, após a fuga, que alguns escravizados se tornavam aguadeiros, enquanto outros, provavelmente, continuavam na venda de água mesmo depois de fugir. Assim, as pesquisadoras acreditam que os conhecimentos necessários para se inserir no comércio da água podem ter sido compartilhados no momento em que, por exemplo, escravizados domésticos buscavam água para casa do seu senhor e ali mesmo aproveitavam para conversar com aguadeiros mais experientes. O barril, importante instrumento para o transporte das águas, observa as pesquisadoras, é um elemento constante nos anúncios de fuga, levando a considerar que este item era crucial para a sobrevivência de quem o portava.

Mas a ação de fugir utilizando as fontes como rota não é a única informação que se pode encontrar nos anúncios de fuga. Como visto, mesmo com limitações, é possível conhecer nomes e histórias de aguadeiros e aguadeiras como Joanna Baptista, Antonio, Felicidade, Carolina, David, Elesbão e Delfina e os possíveis caminhos que percorriam. Dessa forma, os anúncios se constituíram como um arquivo importante para compor um repertório de informações sobre estes homens e mulheres, que ao serem associados a outros documentos, a exemplo da iconografia contribuíram para o entendimento dessa importante ocupação.

Contudo, dar corpo ao abastecimento de água não era tarefa fácil, aguadeiras e aguadeiros tinham que lidar com os estigmas de suas condições sociais na sociedade escravista e a visão negativa sobre a sua ocupação, mesmo que executassem um serviço urbano indispensável. Afinal, é a partir desses corpos que um circuito da água oitocentista se concretiza, circulando pelas ruas, ladeiras e esquinas de Salvador, aguadeiras e aguadeiros, muitas vezes, carregavam sobre si a água contida em pesados potes e barris.

Por fim, esta pesquisa se configura como um processo investigativo em curso, na qual se realizou um esforço com e contra o arquivo, considerando que a documentação oitocentista tem seus limites quando se trata sobre a vida de pessoas negras. Diante disso, foi necessário trabalhar a partir dos vestígios encontrados, os quais quando cruzados permitiram alcançar as informações aqui desenvolvidas. Mesmo conseguindo avançar e obter a série de informações sobre os aguadeiros e aguadeiras aqui apresentadas, algumas lacunas ainda existem e continuarão a ser

pesquisadas, como os detalhes sobre os caminhos percorridos pelos aguadeiros, se existiam rotas específicas e como se dava o deslocamento entre as freguesias, questões a serem aprofundadas e para as quais a falta de informações a partir da perspectiva dos próprios aguadeiros fazem falta. Apesar das lacunas, este trabalho contribuiu para o entendimento de quem eram essas pessoas e a importância que tiveram para a história do abastecimento de água, deixando a vontade de adentrar nos pormenores das histórias de cada aguadeiro e aguadeira aqui citado, conhecer mais detalhes sobre suas vidas para além das mínimas informações provenientes dos anúncios de fuga e da iconografia oitocentista.

Referências

Jornais

Correio Mercantil, 17 de outubro de 1839
Correio Mercantil, 27 de junho de 1840
O Mercantil, 22 de março de 1845
O Mercantil, 31 de maio de 1845
O Mercantil, 04 de junho de 1845
O Mercantil, 19 de junho de 1845
O Mercantil, 10 de dezembro de 1845
O Guaycuru, 12 de março de 1846
Correio Mercantil, 16 de setembro de 1846, encontrado no livro Fluxo e Refluxo de Pierre Verger (1987)
Correio Mercantil, 29 de outubro de 1846, encontrado no livro Fluxo e Refluxo de Pierre Verger (1987)
Correio Mercantil, 04 de maio de 1847
Correio Mercantil, 25 de maio de 1847
Correio Mercantil, 22 de dezembro de 1847
Correio Mercantil, 31 de agosto de 1848
A Verdadeira Marmota, 10 de maio de 1851

Livros e artigos

ALMEIDA, Anita Correia Lima de; MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Do Chafariz ao Copo: os fluxos da água no rio de janeiro oitocentista. *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña* (Halac) Revista de La Solcha, [S.L.], v. 14, n. 3, p. 581-617, 22 nov. 2024. *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña* - HALAC. <http://dx.doi.org/10.32991/2237-2717.2024v14i3.p581-617>. Disponível em: <https://www.halacsolcha.org/index.php/halac/article/view/866>. Acesso em: 14 jun. 2025.

AZEVEDO, Thales de. **Povoamento da Cidade do Salvador**. Salvador: Tipografia Beneditina, 1949.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: um haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do rio de janeiro no início do século xx**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992. 358 p.

COSTA, Ana de Lourdes Ribeiro da. **Ekabó!:** trabalho escravo, condições de moradia e reordenamento urbano em salvador no século XIX. 1989. 249 f. Dissertação (Mestrado) - Curso Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1989.

DOREA, Luiz Eduardo. **Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas**. Salvador: EDUFBA, 2006. 450 p.

Empresa Baiana de Águas e Saneamento. **Livro das Águas:** história do abastecimento de água em Salvador. Bahia, 2002.



FONT-RÉAULX, Constance de. Du porteur au consommateur d'eau: parcours et quantités d'eau livrées dans les foyers parisiens au XVIIIe siècle. **Histoire & Mesure**, [S.I.], p. 31-66, jan. 2023. Disponível em: <https://journals.openedition.org/histoiremesure/10354>. Acesso em: 31 maio 2025.

KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil**: compreendendo notícias históricas e geográficas do império e das diversas províncias. São Paulo: Livraria Martins, 1940. 315 p. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7932>. Acesso em: 29 maio 2025.

MATTOSO, Katia M. de Queirós. **Bahia Século XIX**: uma província no império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. **Dez freguesias da cidade do Salvador**: aspectos sociais e urbanos do século XIX. Salvador: EDUFBA, 2007. 372 p.

PAZ, Daniel J. Mellado. De Vales e Valas: a Rua da Valla na Salvador do Séc. XIX. In: Anais do XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Anais...Rio de Janeiro (RJ) UFRJ, 2018. Disponível em: <http://www.even3.com.br/anais/xvshcu-10620>. Acesso em: 25.08.2025.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil**: a história do levante dos malês (1835). São Paulo: Brasiliense, 1986. 292 p.

SAMPAIO, Consuelo Novais. **50 anos de urbanização**: Salvador da Bahia no século XIX. Rio de Janeiro: Versal, 2005.

SILVA, Marilene Rosa Nogueira da. **Negro na rua**: a nova face da escravidão. São Paulo: Hucitec, 1988.

SOARES, Cecília Moreira. **Mulher negra na Bahia no século XIX**. 1994. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994.

VIEIRA, Dr. Frei Domingos. Aguadeiro. In: VIEIRA, Dr. Frei Domingos. **Grande dicionário Português; ou, Thesouro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Porto, 1871. p. 242.

VILHENA, Luís dos Santos. **A Bahia no século XVIII**. Salvador: Itapuã, 1969. 292 p.